



## **Turistificação e Patrimonialização: experienciando o centro histórico de Pirenópolis, Goiás**

*Touristification and Patrimonialization: experiencing the historic center of Pirenópolis, Goiás (Brazil)*

**Lucídio Gomes Avelino Filho<sup>1</sup>**  
**Pedro Dultra Britto<sup>2</sup>**

**RESUMO:** O turismo como atividade econômica encontra no patrimônio um suporte para a possibilidade de uma exploração mercadológica e, associados, tendem a representar processos hegemônicos de subjetivação dos espaços. Assim, este artigo buscou apreender a respeito da turistificação e da patrimonialização na produção e experiência nos espaços do centro histórico de Pirenópolis, Goiás. Para isto, fez-se uma imersão em parte do centro histórico de Pirenópolis, para desnudar como os processos de produção e transformação dos espaços controlam e formatam a experiência de seus praticantes. Intencionou-se abordar a associação entre patrimônio e turismo na subjetivação dos espaços, analisando como eles o transformam diante de uma realidade mercadológica, e com isso comoditizam as experiências de seus praticantes. Para

---

<sup>1</sup> Graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Projeto e Cidade da Universidade Federal de Goiás. E-mail: lucidio.arquitetura@gmail.com

<sup>2</sup> Doutorado em Processos Urbanos Contemporâneos pela Universidade Federal da Bahia. Mestrado em Saneamento e Meio ambiente pela Universidade Estadual de Campinas. Graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo. Professor adjunto da Escola de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Goiás, atuando no curso de graduação e no programa de pós-graduação Projeto e Cidade. E-mail: pdbritto@gmail.com

tanto, inspirou-se em teorias e exemplos de práticas empíricas de vivência e experiência de espaços que se desenvolveram pelo mundo em diferentes sítios, com ênfase em métodos e técnicas de pesquisa utilizados nas ciências humanas e sociais, como a etnografia e principalmente a autoetnografia. Por meio do exercício da vivência crítica no centro histórico de Pirenópolis, utilizando-se de caminhadas reflexivas, foi possível apreender as relações entre praticantes e os espaços criados e/ou transformados para receber-los. Constatou-se as implicações físicas e sociológicas da turistificação e da patrimonialização na subjetivação nos espaços.

**Palavras-chave:** Turismo; Patrimônio; Produção do Espaço; Experiências. Pirenópolis.

**ABSTRACT:** Tourism as an economic activity finds in the heritage a support for the possibility of a market exploration and, associated, they tend to represent hegemonic processes of subjectification of spaces. Therefore, this paper sought to learn about tourism and heritage in the production and experience in the spaces of the historical center of Pirenópolis, Goiás. For this purpose, an immersion was made in part of the historical center of Pirenópolis, in order to expose how the processes of production and transformation of the spaces control and shape the experience of its practitioners. The intention was to approach the association between heritage and tourism in the subjectification of the spaces, analyzing how they transform it in the face of the market reality, and thereby commoditize the experiences of its practitioners. To this end, it was inspired by theories and examples of empirical practices of living spaces that developed around the world in different places, with an emphasis on research methods and techniques used in human and social sciences, such as ethnography and mainly autoethnography. Through the exercise of critical experience in the historical center of Pirenópolis, using reflective walks, it was possible to apprehend the relationships between practitioners and the spaces created and/or transformed to receive them. The physical and sociological implications of touristification and patrimonialization in the subjectification of spaces were found.

**Keywords:** Tourism; Heritage; Space Production; Experiences; Pirenópolis.

## 1 INTRODUÇÃO

O turismo como atividade econômica encontra no patrimônio um suporte para a possibilidade de uma exploração mercadológica. Associados, turismo e patrimônio tendem a representar processos hegemônicos de subjetivação dos espaços que formatam ou comodificam sua produção e experiência. Sendo assim, o turismo não pode ser visto apenas pelos benefícios econômicos que traz com a movimentação de turistas os lugares. Da mesma maneira o patrimônio não pode ser considerado apenas sob o espectro da importância de se preservar a cultura e a história de uma população. Ambos são processos que atuam na produção e experiências nos espaços, tanto em seus aspectos físicos materiais quanto sociais e simbólicos.

A valorização cultural e econômica de algumas áreas advinda de novos interesses turísticos, funciona como uma fábrica de signos e sentidos subordinados ao turismo, que se consolida no espaço definindo paisagens e lugares, a serem divulgados e consumidos como produtos turísticos. A redescoberta turística dos sítios coloniais, tendo a preservação do patrimônio como suporte para a exploração econômica a partir do turismo, permitiu às cidades detentoras destes valores culturais voltarem a se desenvolver após anos de estagnação econômica, transformando seus espaços não só fisicamente, mas também social e psicologicamente.

Em Pirenópolis, Goiás, o processo de refuncionalização a partir do turismo, observado por Paes (2015), apenas inicia-se na década de 1990 com a institucionalização do patrimônio por meio de seu tombamento. Esse processo de patrimonialização do conjunto do centro histórico de Pirenópolis trouxe novas regras e exigências de conservação e manutenção dos edifícios residenciais inviáveis para os proprietários de imóveis.

Diferente de outros centros históricos tombados como Salvador, Olinda, Rio de Janeiro e São Luis, Pirenópolis ainda não era um destino turístico consolidado. Nem tão pouco era um grande centro urbano. Sendo assim, apesar do aumento do interesse sobre seu centro histórico tombado e do número de visitantes, Pirenópolis não recebeu grandes investimentos no setor turístico neste período. Contudo, o turismo consolidou-se como atividade econômica na cidade e assim, nos finais de semana, ela é tomada por turistas atraídos por suas belezas naturais e pelo bucolismo de sua paisagem colonial, cujo centro histórico afirma-se como principal atrativo turístico.

Diante disto, buscou-se apreender a respeito da turistificação e da patrimonialização na produção e experiência dos espaços no centro histórico de Pirenópolis. Intencionou-se abordar a associação entre patrimônio e turismo na subjetivação dos espaços, analisando como eles o transformam diante de uma realidade mercadológica, e com isso formatam e comodificam as experiências de seus praticantes.

Para tanto, inspirou-se em teorias e exemplos de práticas empíricas de vivência e experiência de espaços que se desenvolveram pelo mundo em diferentes sítios, com ênfase em métodos e técnicas de pesquisa utilizados nas ciências humanas

e sociais, como a etnografia e principalmente a autoetnografia. Isso sem deixar de lado uma contextualização espaço-temporal na adoção destas técnicas de pesquisa e experiência dos espaços urbanos, à realidade de Pirenópolis, bem como o reconhecimento de suas limitações.

Por meio do exercício da vivência crítica de espaços do centro histórico de Pirenópolis, realizados por meio de caminhadas reflexivas, foi possível apreender as relações entre praticantes e os espaços criados e ou transformados para recebê-los, constatando-se as implicações físicas e sociológicas da turistificação e da patrimonialização na subjetivação dos espaços.

## 2 TURISTIFICAÇÃO, PATRIMONIALIZAÇÃO E A PRODUÇÃO E EXPERIÊNCIA NO ESPAÇO

A patrimonialização é um termo utilizado em análises geográficas para referenciar as relações socioespaciais que decorrem da institucionalização de elementos da cultura como patrimônio (CASTRO; TAVARES, 2016), opera na escala das intenções e dos desejos. Seu impacto se dá sobre formas físicas e conteúdos sociais simultaneamente. Suas ações são como estratégias objetivadas que se materializam através da produção e uso de símbolos que ressignificam o espaço.

Por meio da turistificação, ou seja, de uma completa conversão do espaço urbano em espaços destinados à competitiva atividade de atrair visitantes, o turismo assume status de “prática cultural” (SEQUERA; NOFRE, 2018, p.6) Dentro desta estratégia, os espaços são formatados em produtos turísticos que se materializam sob a forma de paisagens, territórios e lugares para os turistas.

A preservação dos centros históricos faz com que estes tornem-se “receptáculos de turistas” (JACQUES, 2003, p.33) causando uma expansão periférica que se torna fonte de especulação imobiliária e comercial. Esse processo na maioria das vezes ocorre sem a participação da população local, tornado estes locais territórios quase que exclusivos dos turistas a partir de gentrificações.

Gentrificação é um processo de produção ou reordenamento do espaço urbano no qual as pessoas de um lugar, são substituídas por outras de classes mais abastadas e com novas necessidades (GLASS, 1964). Essa forma de apropriação cultural, também chamada de enobrecimento, investe o vernáculo de poder cultural e ou redefine seu significado social para atender aos interesses do mercado, conduzindo a um processo material de apropriação do espaço para o consumo de mercado (ZUKIN, 2000).

Britto e Jacques (2009, p.347) consideram que a patrimonialização, turistificação e gentrificação fazem parte de um mesmo processo mais amplo que se constrói, o da “espetacularização urbana”. A estetização e o enobrecimento dos espaços na pretensão de se divulgar, exibir e reforçar seu simulacro de realidade, o fazem de modo a torná-lo mais “brilhante e glamuroso” (GUATTARI; ROLNIK, 1996, p.59) por meio do espetáculo. A espetacularização constrói lugares pasteurizados que diluem

a experiência dos turistas reduzindo-os a meros consumidores de seus produtos.

Os espaços moldam-se de forma homogeneizada, oferecendo produtos e serviços direcionados a um universo de consumidores cada vez mais restrito, formatando o modo como eles praticam a cidade (JACQUES, 2008). A comercialização de valores relacionados à cultura local ou a sua substituição por produtos turísticos, afetam diretamente a forma como os turistas interagem com a cidade (JACQUES, 2008). “A redução da ação urbana, ou seja, o empobrecimento da experiência urbana pelo espetáculo leva a uma perda da corporeidade, os espaços urbanos se tornam simples cenários, sem corpo, espaços desencarnados” (JACQUES, 2008, n.p.).

Isso estimula e reafirma o consumo visual ilusório de uma sociedade imagética que prima pela representação do real artificializado ao invés do real (DEBORD, 1997). Os habitantes locais passam a não se reconhecerem entre os símbolos e imagens destes lugares espetacularizados e jogam com eles por meio de sua aceitação bem como de sua negação, produzindo outras formas de subjetivação, muitas vezes ofuscadas diante dos holofotes da espetacularização (GUATTARI; ROLNIK, 1996).

As relações entre turistas e a população podem incitar dinâmicas socioespaciais estimuladas pela euforia, apatia e irritação, levando ao antagonismo (DOXEY, 1975) que podem desencadear processos de “turismofobia” (SANTOS; OLIVEIRA; REIS, 2020, p.36). Os efeitos negativos advindos da exploração da atividade turística, como por exemplo a gentrificação e a elitização dos lugares, promovem uma elevação no preço de imóveis, alugueis e produtos, incitando uma aversão aos visitantes por parte da população local, levando conflitos sociais.

A transformação da experiência em produtos ou mercadorias cuja finalidade é sua exploração para fins de lucratividade, manipula e controla a interação entre praticantes e o espaço (GUATTARI; ROLNIK, 1996). O capital atua por forças invisíveis através de suas commodities almejando domínio e controle dos indivíduos a partir de relações de poder (ZUKIN, 2000). Acontece uma objetificação da experiência construída por relações fantasiosas de pessoas com formas e conteúdos comodificados, a “reificação” da experiência (LUKÁCS, 2003). A reificação ou coisificação se alicerça em fenômenos de alienação e fetichismo da mercadoria.

A universalização dos produtos trabalha como instrumento de objetivação social em que objetos ou coisas predominam sobre sujeitos, produzindo uma outra realidade (CROCCO, 2009). Esta objetividade ilusória consagra com seu simulacro de realidade uma estruturação mercantil em que relações entre pessoas ganham contornos de relações entre objetos (CROCCO, 2009). “O homem é submetido tanto materialmente quanto psicologicamente a uma realidade abstrata e fragmentada, e vai deixando de perceber as mediações entre ele e a totalidade” (CROCCO, 2009, p.52).

A reificação de fragmentos do espaço produz paisagens, lugares e territórios do capital. Ela é a materialização objetiva da “produção de subjetividades capitalísticas” (GUATTARI; ROLNIK, 1996, p.22) que atuam como subjetivações hegemônicas do espaço. O capitalismo financeiro travestido sob a forma do empreendedorismo desloca suas forças invisíveis de atuação, do Estado para a iniciativa privada, diversificando

e ampliando subjetivações que trabalham em defesa do capital (GUATTARI; ROLNIK, 1996). São produzidas dinâmicas voltadas ao gerenciamento, promoção e venda das cidades (JACQUES, 2008).

O espaço se transforma em representações cenográficas de uma realidade construída pela ordem mercadológica, uma espécie de “Deleuzismo Arquitetural” (SPENCER, 2011) que mergulha indivíduos em experiências objetivadas e controladas do território. Estes cenários comercializam um mundo real fantasioso, hiper-real, moldando identidades espaciais. Isso fragmenta a multiplicidade identitária espacial em espaços sem identidade voltados para consumo visual dirigido (ZUKIN, 2000).

O consumo visual dirigido induz ao esfacelamento de identidades tradicionais pré-estabelecidas (ZUKIN, 2000). A realidade espetacular do patrimônio, ou esse hiper-real patrimonializados, impõem-se hegemonicamente sobre a realidade do cotidiano das cidades. Atua diretamente sobre o espaço físico promovendo sua estetização produzindo cenários construídos a partir de pastiches e fachadismos (JACQUES, 2005).

Como consequência da transformação de formas e conteúdos em produtos para consumo de mercado são desencadeados processos de estetização, higienização e enobrecimento do espaço (ZUKIN, 2000). Os lugares são identificados como de valores potenciais a serem explorados comercialmente (ZUKIN, 2000). Atendendo a lógica do consumo, impõem-se a estas mercadorias apresentarem-se ao mercado esteticamente impecáveis e limpas e, seguindo uma lógica de evolução capitalística de valores, são direcionadas a públicos cada vez mais elitizados (BRITTO; FONSECA, 2016). Constrói-se assim este simulacro do real no qual formas e conteúdos são estetizados para de apresentarem de forma mais competitiva a mercados cada vez mais restritos (CROCCO, 2009).

Isso implica em uma homogeneização dos espaços. Uma forma de planificação que o torna mais legível e atrativo ao consumo. Às dobras ou rugosidades, que não são aplaniadas por estes processos, tendem a serem segregadas e ofuscadas por eles (BRITTO; FONSECA, 2016). “Há um procedimento de customização que reduz tudo a condição de mercadoria, um mecanismo que também ocorre com a natureza na cidade no momento em que essa se torna um signo estetizado e difundido” (BRITTO; FONSECA, 2016, p.215).

O intuito é o de fomentar a economia, principalmente o turismo, por meio dos elementos de sua cultura. Instituídos de valor de mercado o antigo tem por obrigação apresentar-se como novo dando formas de paisagens do patrimônio (JACQUES, 2005). “A conservação patrimonial, muitas vezes obsessiva, corre o risco de petrificar a própria cidade, que se transforma assim em um museu de si mesma” (JACQUES, 2005, n.p.).

Com o tombamento surgem também novas exigências e regras para manutenção das edificações residenciais do centro histórico, inviáveis a muitos dos proprietários, que sucumbem às investidas financeiras de forasteiros vendendo seus imóveis. Ocorre a expulsão da população autóctone

para as periferias das áreas tombadas, em um processo de gentrificação (BORJA; CASTELLS, 1996) Taurus, 1998 Javier Ramos Arquitecto Magister (c. A gentrificação produz e transforma o espaço em lugares, territórios e paisagens do poder ao mesmo tempo em que estabelecem dinâmicas de segregação socioespacial (ZUKIN, 2000).

Os edifícios de expressividade monumental são transformados em museus que funcionam para reforçar a realidade construída pela patrimonialização. As antigas residências destes lugares têm o seu uso substituído por comércios e serviços, que atendem ao consumo turístico. São transformadas, redimensionadas e ampliadas, mantendo apenas suas fachadas, em uma cenarização dos espaços (BRITTO; JACQUES, 2009).

Muitas vezes são ainda divididos em várias partes para abrigar o maior número de comércios e serviços turísticos. Os quintais, antes vastos e arborizados, vão sendo ocupados por novos quartos de pousadas e galerias comerciais que, construídas sob a forma de pastiches a partir de materiais modernos como cimento e tijolo, imitam o antigo e assim completam o cenário do espetáculo turístico que se materializa na paisagem (JACQUES, 2008).

### **3 MÉTODO E FORMA DE APREENSÃO DO ESPAÇO URBANO DE PIRENÓPOLIS**

A busca por uma reflexão fenomenológica a respeito da produção e experiência dos espaços incita uma reflexão crítica indissociável da subjetividade do pesquisador na sua relação com a experiência da alteridade (também subjetiva) no fenômeno urbano. O processo de pesquisar torna-se tão importante quanto o produto final a ser obtido.

Referente a coleta de dados se deu por meio de pesquisa bibliográfica e documental, que serviram para constatar objetivamente o contexto estudado, principalmente da atuação do turismo e patrimônio na produção dos espaços. Permitiram ainda a elaboração de mapas importantes para uma apreensão analítica da relação capitalista entre patrimonialização e turistificação na produção do espaço urbano em Pirenópolis.

Também foram adotadas para a coleta de dados a etnografia e a autoetnografia. A etnografia propõe uma perspectiva teórico-metodológica que une o racionalismo e o empirismo no processo de apreensão de fenômenos sociais (PERUZZO, 2017). Se utiliza de um conjunto de teorias para a apreensão e descrição de aspectos simbólicos, culturais e sociais (ROCHA; ARAÚJO; BOSSLE, 2018), a partir de uma observação em campo que pode ou não ser participativa (BENETTI, 2017).

Já a autoetnografia é uma espécie de gênero derivado dessa “etnografia urbana e organizacional” (SANTOS, 2017, p.221) que rejeita a ideia do pesquisador se manter ou se esconder atrás de uma imparcialidade na busca por um suposto ideal de objetividade em sua interação com o objeto de estudo, mantendo-se externo ao

contexto estudado. Defende a narrativa pessoal do sujeito pesquisador, enfatizando sua subjetividade e experiências pessoais na interação com o objeto de investigado.

A autoetnografia consiste em uma visão etnográfica reflexiva dentro da qual o pesquisador se identifica como parte de seus estudos suprimindo seu distanciamento do contexto estudado, indo além da observação participativa para uma participação da observação (BENETTI, 2017). Ela permite a análise e descrição de experiências embasadas na subjetividade de quem realiza a investigação e exploração dos espaços urbanos através de caminhadas (ROCHA; ECKERT, 2013).

Caminhar pela cidade encontra referência nas práticas de apreensão urbana desenvolvidas por caminhantes como artistas, escritores ou pensadores que pensaram a cidade a partir do caminhar por elas. Como nos trabalhos do poeta francês Charles Baudelaire e do filósofo alemão Walter Benjamin que definem “O Flâneur” (BENJAMIN, 1994, p.33) como aquele que caminha pelos espaços observando-os, experienciando-os e absorvendo cada detalhe, e assim desenvolvem suas investigações sobre o espaço urbano em Paris.

Ou nas deambulações de dadaístas e surrealistas que através de caminhadas aleatórias desenvolviam suas experiências físicas no espaço urbano real para comporem seus manifestos. Caminhar, referencia-se ainda nas derivas desenvolvidas pelos situacionistas em suas críticas radicais ao urbanismo, realizadas a partir de caminhadas voluntárias pelas ruas parisienses.

Jacques (2012, p.16) conceitua como “errâncias” essas práticas de apreensão e reflexão do espaço urbano, desenvolvidas por estes que ela considera como “nômades urbanos” (JACQUES, 2012, p.25). Ela resume que “Baudelaire, os dadaístas, os surrealistas e ainda os letristas e situacionistas praticaram errâncias urbanas – e relataram essas experiências através de narrativas errantes explícita ou implicitamente críticas” (JACQUES, 2012, p.33)

Para realizar essa imersão no centro histórico de Pirenópolis, ou “mergulho no território” como define Milton Esteves (ESTEVEZ et al., 2009, n.p.), para assim desnudar como a patrimonialização e a turistificação controlam e formatam a experiência nos espaços foi necessário apenas um smartphone para fotografar e gravar observações além da vontade de caminhar deixando os sentidos vulneráveis para assim acumular experiências.

Não se prender a mapas, objetos e aparatos de pesquisa permitiu certa camuflagem em meio à multidão. Há de considerar ainda que a impossibilidade de se colocar de maneira imparcial diante do objeto de estudo faz com que memórias acumuladas e relações anteriores com os espaços serviram como importantes instrumentos para dar contexto e delineamento autoetnográfico aos caminhos experienciados.

Podendo ser considerado nos dias e hoje uma extensão do corpo, o smartphone configurou-se como importante ferramenta de registro fotográfico, escrito e sonoro, servindo como diário de campo. As trocas de experiências (sensoriais, perceptivas, psicológicas etc.) entre pesquisador, os espaços e os sujeitos no contexto urbano

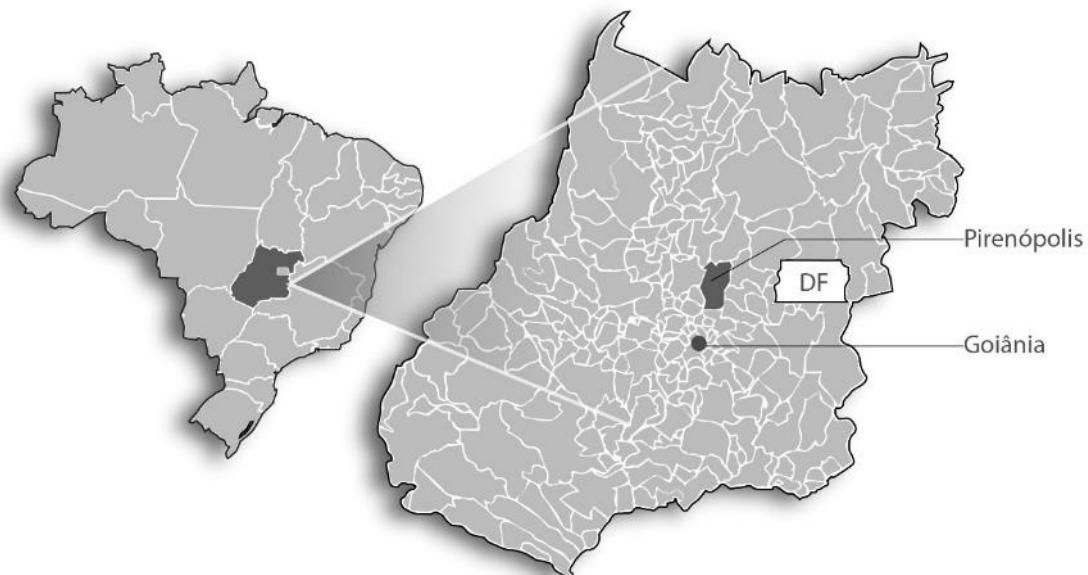
estudado, elencadas em diário de campo, foram analisadas a partir do referencial teórico afim de serem representadas em mapas.

A intenção foi representar de forma sintética e legível os dados a serem transmitidos de maneira mais direta e cognitiva. Como suporte para a representação dos dados levantados e das experiências vivenciadas foram utilizados como suportes mapas tradicionais antigos, imagens de satélite do Google e modelagens em 3D do recorte espacial do centro histórico analisado.

#### **4 DE MEYA PONTE A PIRENÓPOLIS – HISTÓRICO E CONTEXTUALIZAÇÕES SOBRE O CENTRO HISTÓRICO**

Pirenópolis é um município do Estado de Goiás localizado equidistante da capital Goiânia e de Brasília aproximadamente 150 km (FIGURA 01). Sua origem e desenvolvimento estão ligados a diferentes processos de expansão e interiorização que se sucederam ao longo da história no Brasil.

FIGURA 01 – LOCALIZAÇÃO DO MUNICÍPIO DE PIRENÓPOLIS.



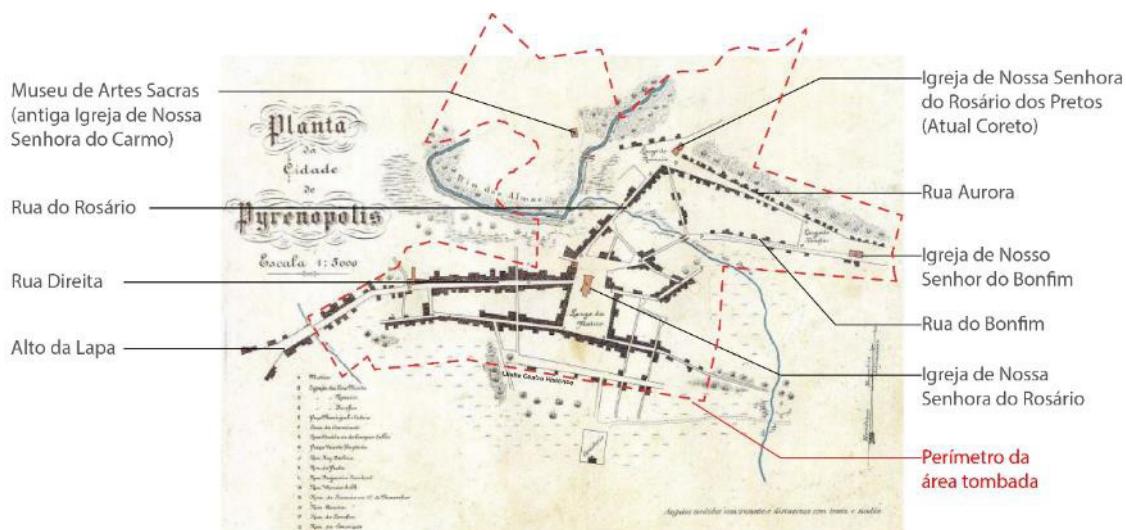
FONTE: Os autores (2020)

Logo após a fundação do Arraial de Santana (atual Cidade de Goiás), ainda em 1727, é fundada, à margem esquerda do Rio das almas e no sopé da Serra dos Pireneus, as Minas de Nossa Senhora do Rosário. Devido ao farto ouro e posição territorial estratégica, prosperou rapidamente originando o Arraial de Meya Ponte que daria origem a cidade de Pirenópolis (CARVALHO, 2001).

O povoado de Meya Ponte se desenvolveu adaptando-se às irregularidades do sítio, acompanhando a margem esquerda do rio. Nas cotas mais baixas, próximo aos pontos de extração do ouro, fixavam-se os garimpeiros. Nas cotas mais altas situava-se a Igreja Matriz, as residências das famílias mais abastadas e alguns pontos de trocas de mercadorias. O caminho de ligação entre o local escolhido para a construção da Igreja Matriz de Nossa Senhora do Rosário (1727) e uma antiga estalagem, que se encontrava próxima à estrada que levavam à Vila Boa, deu origem à primeira rua, antiga Ruas das Bestas e atual Rua Direita (JAYME, 1971).

A partir daí o núcleo urbano expandiu-se financiado pela próspera atividade econômica de extração aurífera delineando o seu traçado a partir da implantação de suas igrejas. Construídas em pontos mais altos e estratégicos, dotados de espaço livre circundante, induziam uma aglomeração residencial no seu entorno e ao longo de seus caminhos de ligação com a Igreja Matriz. Se considerarmos o primeiro mapa elaborado em 1882 em relação ao perímetro definido como área Tombada pela legislação de tombamento percebe-se que o núcleo pioneiro praticamente limitava-se a essa área, e foi assim que Pirenópolis chegou ao século XX (FIGURA 02).

FIGURA 02 – PRIMEIRO MAPA DE PIRENÓPOLIS – EXPEDIÇÃO CRULS - 1882.



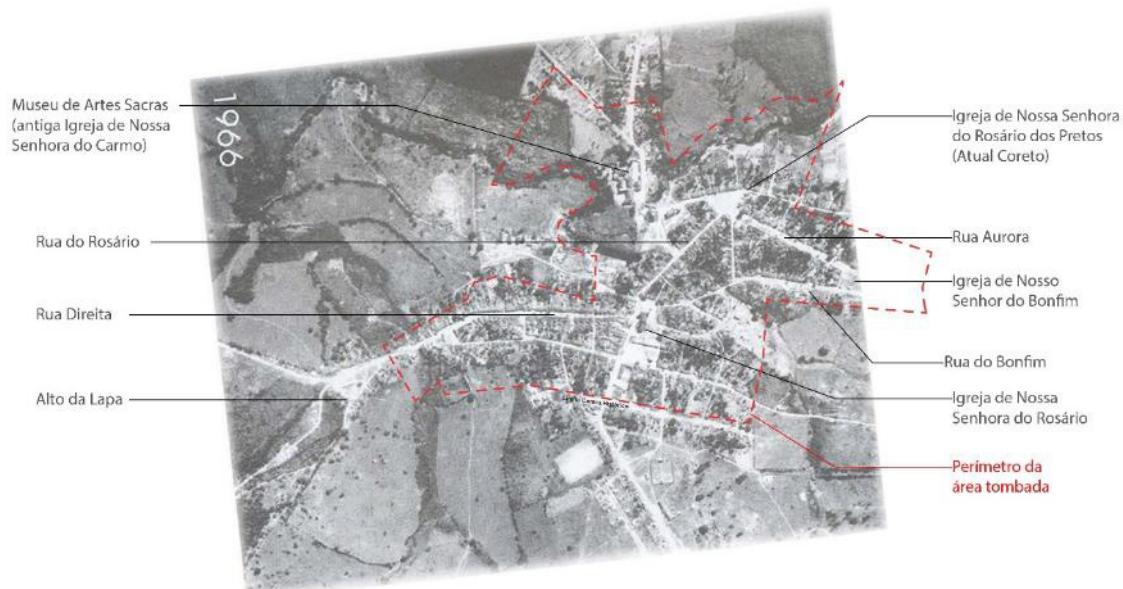
FONTE: Os autores (2020) a partir de ALMEIDA (2006).

O Século XX resguardava para Pirenópolis novamente transformações impulsionadas por outras formas de expansão e interiorização que ocorreram no Brasil. Ainda na primeira metade, durante o período do Estado Novo, o governo federal promoveu a transferência da capital do Estado de Goiás para Goiânia. Esta nova marcha para o oeste levou não só à fundação de Goiânia, mas também trouxe os trilhos das ferrovias para o território goiano intensificando-se assim o fluxo migratório, a formação de novos povoamentos e o crescimento das cidades.

Apesar dos ares antropofágicos de viajantes modernistas que marcam este período da história brasileira, o isolamento de Goiás e consequentemente de Pirenópolis, não permitiu que a atividade turística despontasse numa espécie de redescobrimento pelo qual passaram cidades mineiras, paulistas e cariocas.

Com a chegada da década de 1960, Pirenópolis se vê novamente diante do progresso devido a sua localização territorial. Juscelino Kubitschek promove a transferência da capital federal para a região do planalto central goiano e a construção de Brasília veio acompanhada de toda uma infraestrutura rodoviária. Analisando-se uma foto aérea de 1966 (FIGURA 03), constata-se que Pirenópolis chegou a segunda metade do século XX um pouco maior do que o núcleo pioneiro, expandindo-se para o que se tem hoje como área de entorno (também tombada).

FIGURA 03 – FOTO AÉREA DE 1966.



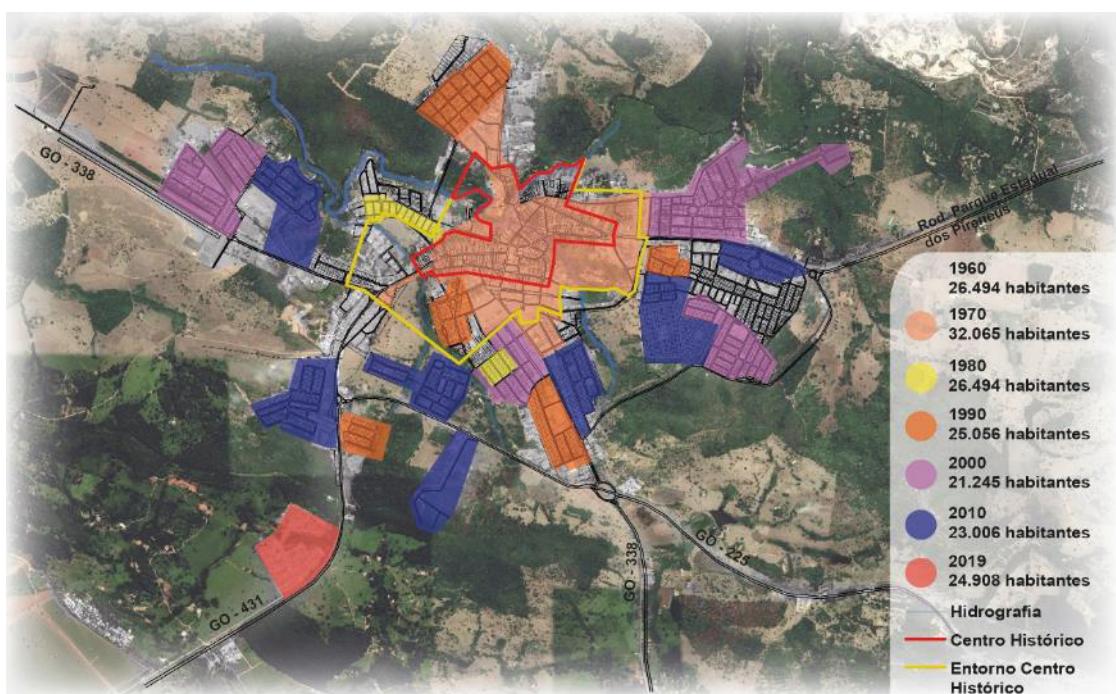
FONTE: Os autores (2020) a partir de ALMEIDA (2006).

Essa infraestrutura permitiu que se intensificasse a movimentação de pessoas no interior do estado, em que cada vez mais visitantes passaram a buscar a antiga Meya Ponte por conta de suas belezas naturais e sua paisagem colonial (CARVALHO, 2001), aumentando a importância do turismo como atividade econômica.

Analisando-se o aumento populacional e a expansão do perímetro urbano em Pirenópolis, a partir da década de 1960 (FIGURA 04), com a construção de Brasília, inicia-se uma primeira fase de expansão urbana acompanhada de um crescimento populacional. Na década de 1970 o perímetro urbano havia se expandido pouco além dos limites da área tombada ocupando boa parte dos vazios que ainda existiam.

A história oral de moradores conta que neste período iniciam-se as investidas de forasteiros para a venda dos imóveis mais centrais. O núcleo Pioneiro torna-se de interesse imobiliário causando uma expulsão da população original que passa a habitar as áreas em seu entorno, processo característico de gentrificações.

FIGURA 04 – EVOLUÇÃO POPULACIONAL E DO PERÍMETRO URBANO DE PIRENÓPOLIS A PARTIR DE 1960.

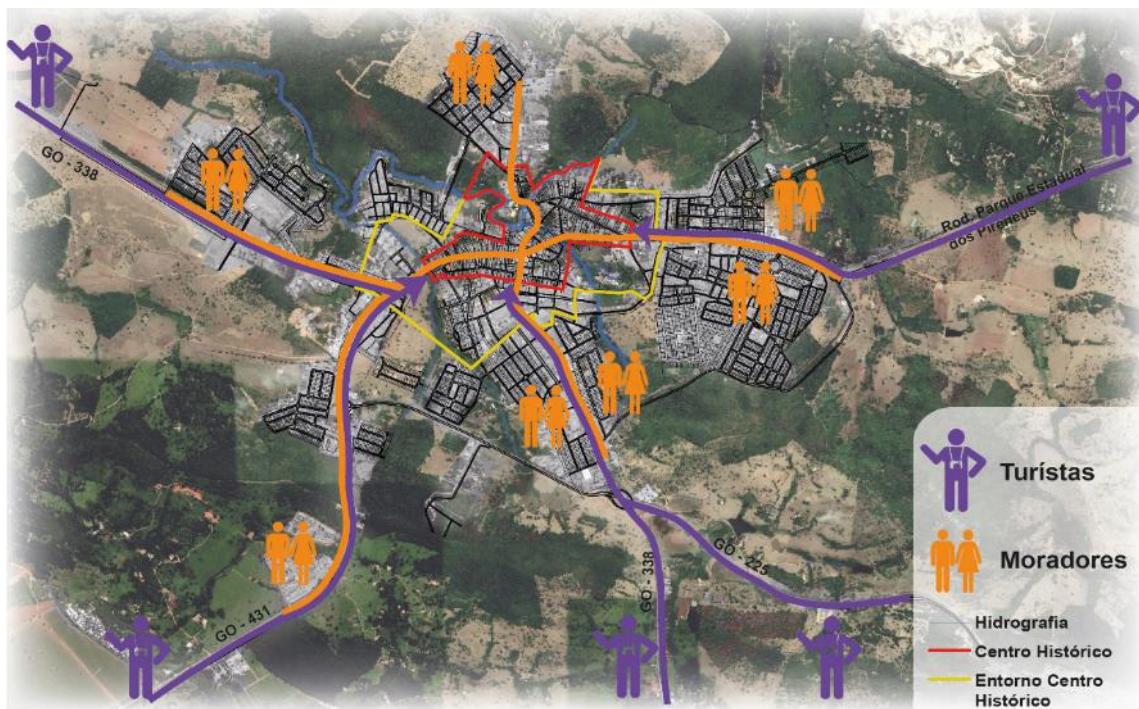


FONTE: Elaborado pelos autores (2020) a partir de imagem de satélite do Google, de dados do IBGE e de outros fornecidos pela prefeitura municipal.

Entre 1980 e 2000 é importante observar como a expansão do perímetro urbano se intensifica ao mesmo tempo em que acontece uma regressão demográfica no município. Os moradores locais passam a habitar áreas cada vez mais longínquas. Novas áreas são ocupadas para dar lugar às segundas residências e infraestruturas para o turismo que, passam a ocupar as áreas do centro histórico e também de seu entorno, espalhando-se pelo perímetro urbano e incitando uma especulação imobiliária. Isso continua ao longo do século XXI quanto já se tem novamente um crescimento populacional dando continuidade a esse processo de gentrificação.

O perímetro urbano que se expandiu a partir do centro histórico e desenvolveu com ele uma forte relação de centralidade. Não só devido a sua localização geográfica, mas também porque o centro histórico é o ponto de convergência de turista e moradores. Todos os caminhos de chegada levam quase que naturalmente ao centro histórico, e nele se concentra a maior parte das infraestruturas de comércio e serviços voltados ao turismo (FIGURA 05).

FIGURA 05 – TURISTAS E MORADORES NO CENTRO HISTÓRICO DE PIRENÓPOLIS.



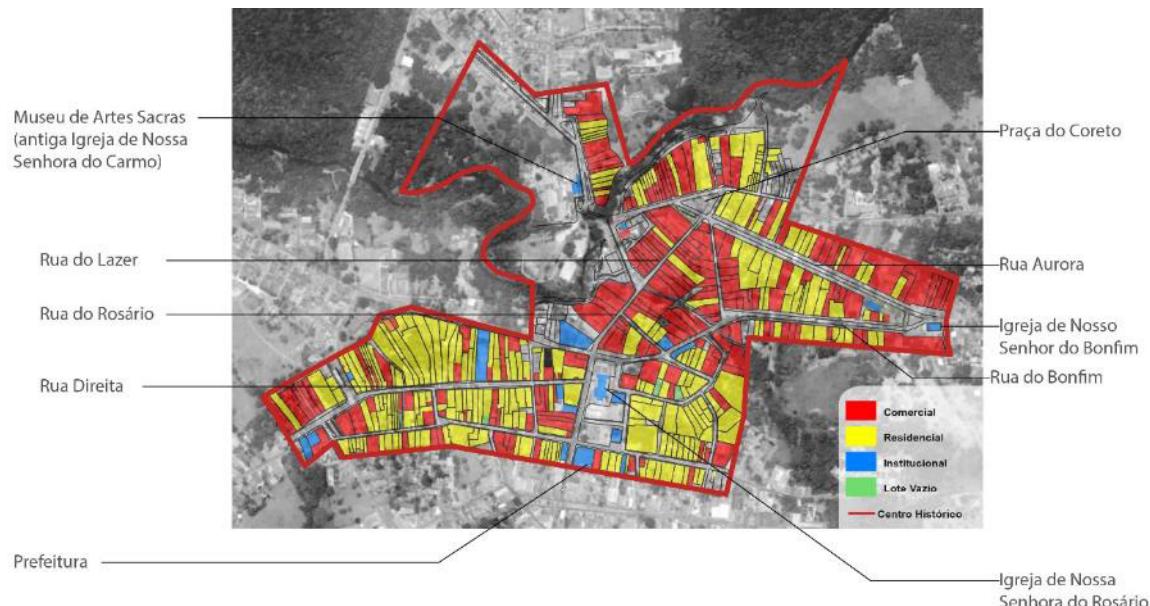
FONTE: Elaborado pelos autores (2020) a partir de imagem de satélite do Google.

Pelo lado dos moradores, devido a barreiras criadas pela topografia e hidrografia, observa-se que a ligação mais acessível entre os bairros é por meio do centro histórico. Também é nele que se concentra grande parte das infraestruturas voltadas à realização das atividades cotidianas, reforçando relação de centralidade dentro do perímetro urbano. A interação entre turistas e moradores em seus espaços, reforça sua centralidade e desencadeia as mais variadas dinâmicas socioespaciais, terreno fértil para a realização desta pesquisa.

A patrimonialização do conjunto do centro histórico de Pirenópolis trouxe novas regras e exigências de conservação e manutenção dos edifícios residenciais inviáveis para os proprietários de imóveis. Observa-se que durante a realização do levantamento do inventário desta pesquisa, muitos proprietários se queixavam das exigências do IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) e quase todos cogitavam a possibilidade de se desfazerem de seus imóveis.

Pouco a pouco estes imóveis foram tendo o seu uso substituído por comércios (FIGURA 06), sendo transformados, redimensionados e ampliados, mantendo apenas suas fachadas, em uma espécie de cenarização dos espaços. Outras vezes foram divididos em várias partes para abrigar o maior número de comércios e serviços turísticos. Os quintais, antes vastos e arborizados, foram sendo ocupados por novos quartos de pousadas e galerias comerciais que, construídas sob a forma de pastiches a partir de materiais modernos como cimento e tijolo, imitam o antigo e assim completam o cenário do espetáculo turístico.

FIGURA 06 – USOS DENTRO DO PERÍMETRO DE TOMBAMENTO.

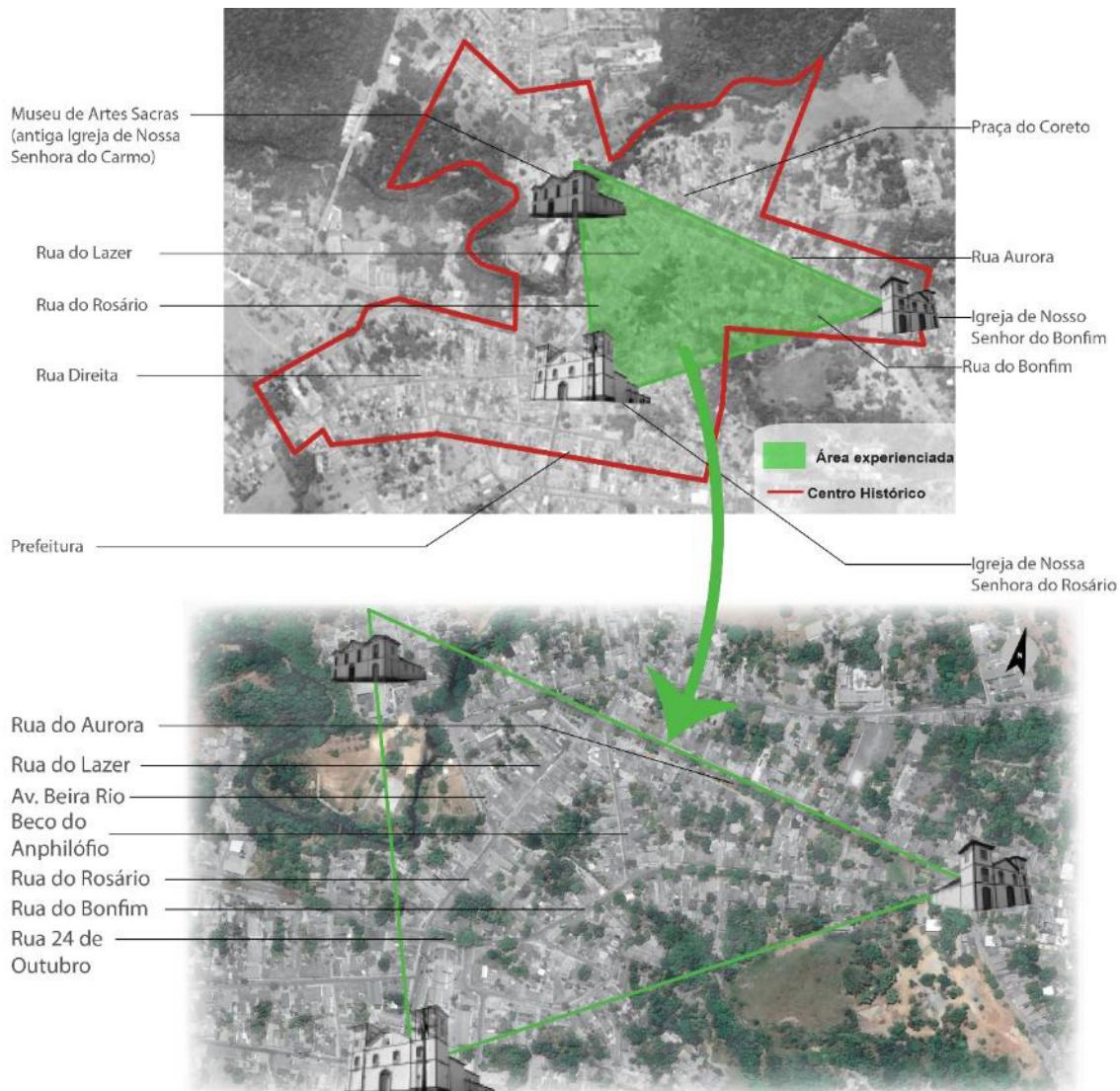


FONTE: Elaborado pelos autores (2020) a partir de imagem de satélite do Google e levantamento de campo.

## 5 EXPERIENCIANDO O CENTRO HISTÓRICO DE PIRENÓPOLIS

Foi realizada a seleção prévia da porção a ser caminhada para iniciar-se o contato direto com a sua realidade. Optou-se por definir o perímetro contido entre os três principais monumentos religiosos da cidade, a Igreja de Nossa Senhora do Rosário, a Igreja de Nosso Senhor do Bonfim e o Museu de Artes Sacras (antiga Igreja de Nossa Senhora do Carmo), onde predominam os comércios e serviços voltados para o turismo. Nele estão contidas a Rua do Rosário, Rua do Bonfim, Rua Aurora, Avenida Beira Rio, Rua do Lazer, Rua 24 de Outubro e Beco Anphilófio (FIGURA 07).

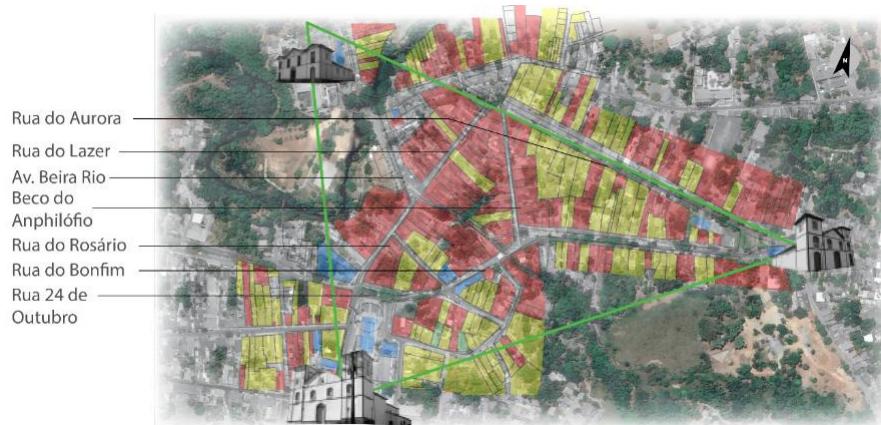
FIGURA 07 – ÁREA DEFINIDA PARA A EXPERIENCIA EM CAMPO.



FONTE: Elaborado pelos autores (2020) a partir de imagem de satélite do Google.

Analisando especificamente o recorte espacial estipulado, foi levantado em campo e constatado o quanto neste núcleo pioneiro as residências já foram substituídas por estabelecimentos comerciais (FIGURA 08). Este é o lugar onde está mais consolidada e é mais visível associação entre patrimônio e turismo na subjetivação nos Espaços. Ali funciona a maior parte dos comércios e serviços turísticos e a maioria dos lotes são comerciais hoje em dia. O local no qual surgiu o primeiro comércio para atendimento de turistas na cidade, conhecido como Rua do Lazer, é o principal local de convergência de turistas. Quanto mais nos afastamos dele menor e a presença de turistas e maior e a presença de moradores.

FIGURA 08 – USOS NA ÁREA DEFINIDA PARA A EXPERIÊNCIA EM CAMPO.



FONTE: Elaborado pelos autores (2020) a partir de imagem de satélite do Google.

Como hospedar-se nessa região não é algo acessível para a maioria, as pessoas se hospedam em casas e pousadas além dos limites do centro histórico e encaram caminhadas ou levam seus automóveis para duelar com outros motoristas por vagas de estacionamento. Com isso tem-se um fluxo constante de veículos nesta direção, principalmente nas noites de finais de semana e datas festivas. O grande volume de veículos faz com que a área em estudo e boa parte do centro histórico se transforme em um grande estacionamento aos finais de semana e o fluxo de veículos na área estudada é constante (FIGURA 09).

FIGURA 09 – FOTOS QUE MOSTRAM O FLUXO DE VEÍCULOS NA ÁREA ESTUDADA E UMA QUANTIDADE GRANDE DE VEÍCULOS ESTACIONADOS PELAS RUAS.



FONTE: Fotografado pelos autores (2020).

Nessa região também é constante o fluxo de pessoas principalmente turistas e devido as calçadas estreitas elas disputam espaço na rua com os veículos circulam atraídos pelos mais variados comércios como lojas cafés bares e restaurantes. A circulação de turistas se intensifica durante as noites de finais de semana e em datas festivas, conforme demonstrado na Figura 10.

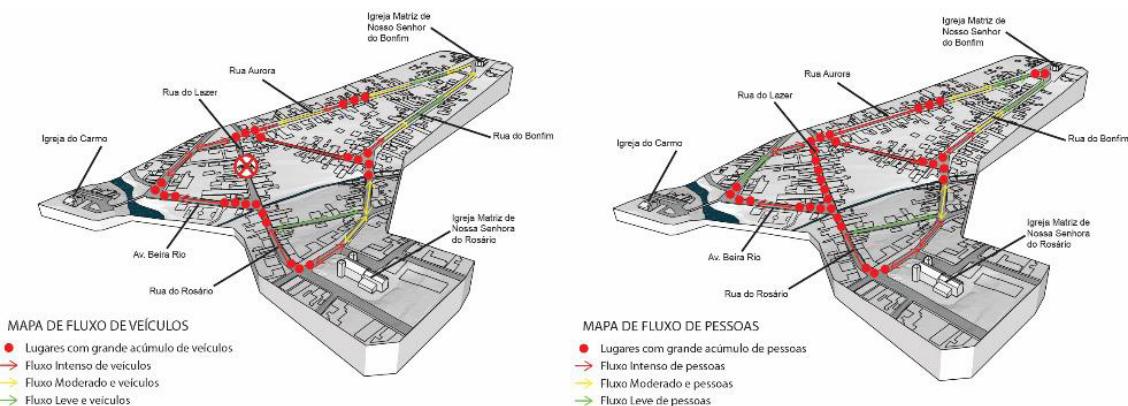
FIGURA 10 – FOTO QUE DEMOSTRA GRANDE NÚMERO DE PESSOAS CIRCULANDO PELAS RUAS DURANTE O CARNAVAL DE 2020.



FONTE: Fotografado pelos autores (2020).

Observa-se que nos pontos onde concentram atividades comerciais, e em alguns pontos de convergência das vias, um maior fluxo e acúmulo tanto de pessoas quanto de veículos. Nos poucos trechos de característica mais residencial, os fluxos tendem a ser de moderados a leves influenciando diretamente a percepção de seus espaços (FIGURA 11).

FIGURA 11 – MAPAS DE FLUXO DE VEÍCULOS E DE PESSOAS.



FONTE: Elaborado pelos autores (2020)

Tratando de transformações físicas do espaço, tomando como referência o lugar mais cobiçado pelos turistas, que é a Rua do Lazer, podemos entender o processo pelo qual passou e ainda passa parte do centro histórico. No final do século XIX, o que existia era uma rua residencial e ainda muitos vazios nessa região (FIGURA 12). Eram as cotas mais baixas, próxima as áreas de extração de ouro, e historicamente ocupada pelas classes pobres composta por residências mais simples, que não eram das famílias que compunham a aristocracia. Essa característica talvez justifique o porquê de terem sido vendidas e transformadas em comércio mais facilmente quando turismo passa a ser explorado décadas a frente.

FIGURA 12 – REGIÃO DA ATUAL RUA DO LAZER NO FINAL DO SÉCULO XIX.



FONTE: ALMEIDA (2006).

Por meio de uma parceria entre empresários e uma empresa de cartões de crédito recentemente foi finalizada a revitalização da Rua do Lazer. Parceria essa que atenta para uma relação íntima com o consumo e para a atuação do empresariado nas relações de força política que se desenrolam. Foram instalados toldos nos estabelecimentos comerciais que exibem a marca da empresa patrocinadora da obra.

O padrão está nas mesas todas iguais, na iluminação cenográfica dos edifícios e dos arranjos de velas sobre as mesas, nos cavaletes que exibem os cardápios, nos pratos de alta gastronomia servidos e ainda na maneira em que os turistas são abordados pelos comerciantes. Até mesmo o público que frequenta estes espaços segue padrão, sendo predominantemente de famílias, pessoas de pele branca e de classes sociais mais abastadas (FIGURA 13). O público que frequenta estes espaços reflete outras desigualdades estruturadas nos meios sociais.

FIGURA 13 – RUA DO LAZER NOS DIAS ATUAIS.



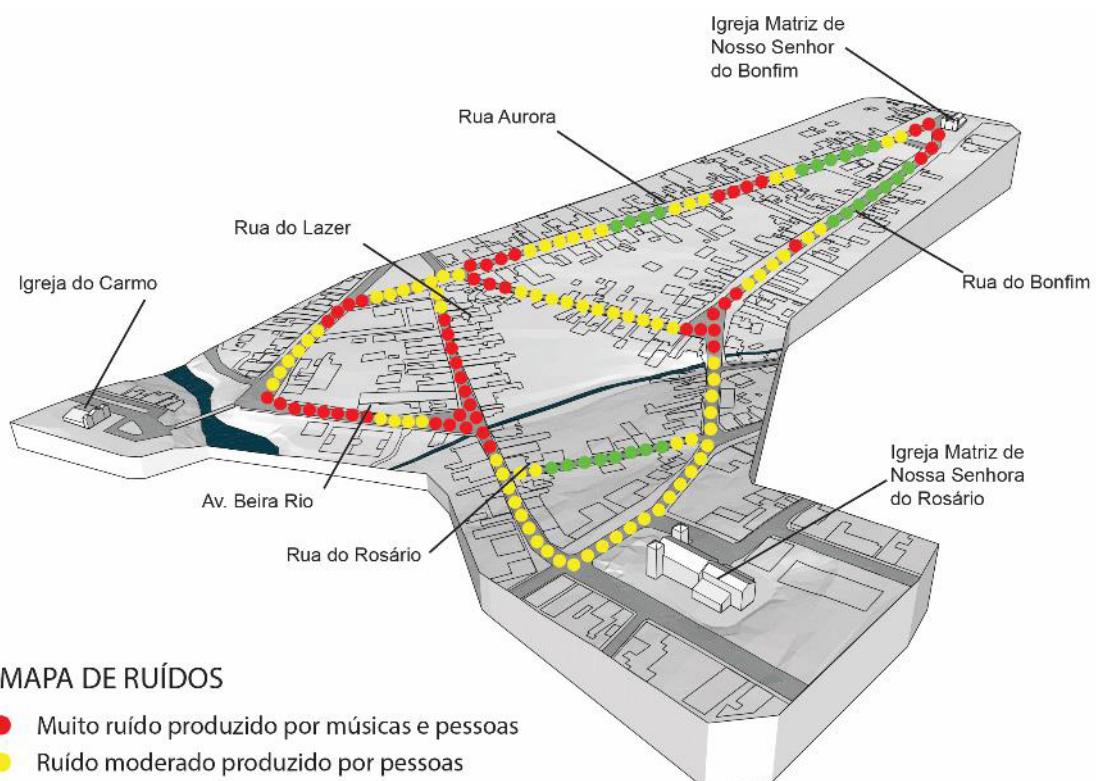
FONTE: Fotografado pelos autores (2020).

Percebe-se que o lugar se apresenta impecável, organizado, padronizado e cada vez mais elitizado, o que conduz a experiências comoditizadas de seu espaço. De todos os espaços experienciados, a Rua do Lazer é a que mais instiga os sentidos. Conversas se misturam em diferentes sotaques e se cruzam com o som de cantores ou bandas ao vivo que se apresentam no interior dos restaurantes.

O ruído é mais intenso nas zonas onde se concentram as atividades de alimentação, o maior número de pessoas e de apresentações ao vivo com cantores e bandas. Nestas regiões a mistura dos sons que se entrelaçam chega a causar uma

confusão sonora. Nas regiões de comércio mais diversificado os ruídos são médios e nas de predominância residencial ele é moderado, permitindo se escutar o vento, os pássaros e os insetos (FIGURA 14).

FIGURA 14 - MAPA: RUÍDOS



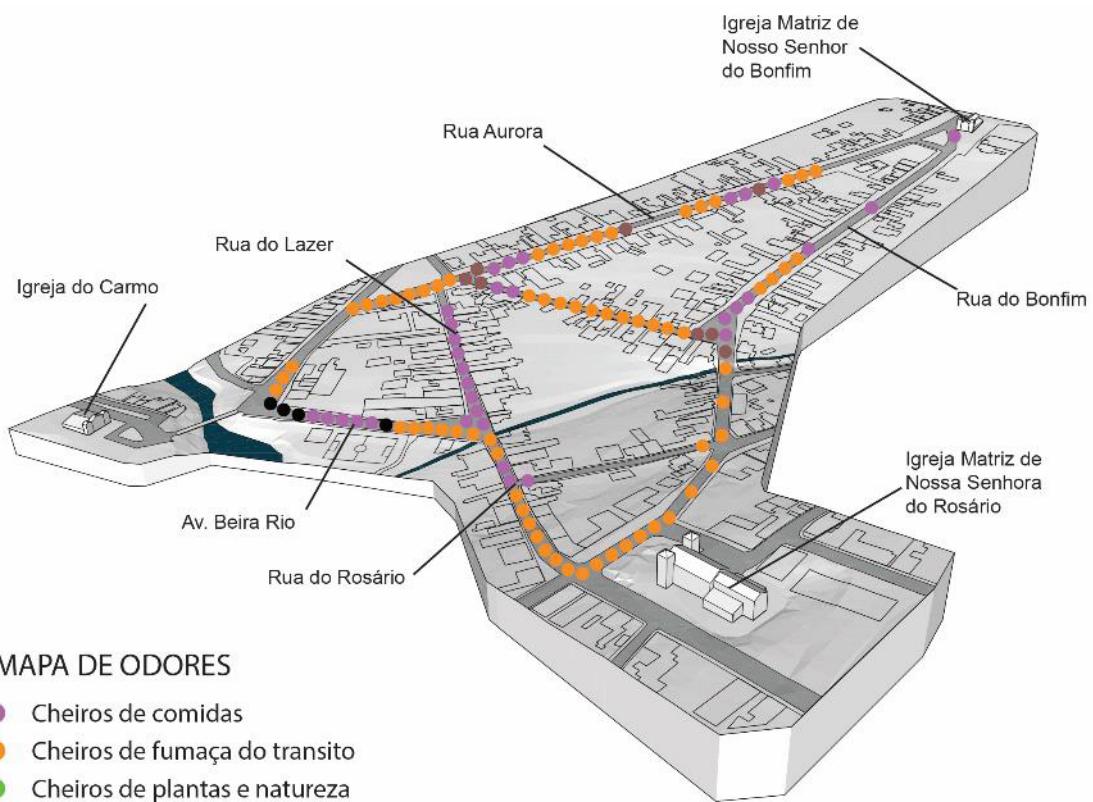
#### MAPA DE RUÍDOS

- Muito ruído produzido por músicas e pessoas
- Ruído moderado produzido por pessoas
- Sons de vento, pássaros e natureza

FONTE: Elaborado pelos autores (2020)

Na rua do lazer, os estabelecimentos exibem seus cardápios em cavaletes (quase todos adotam) iluminados que disputam espaço com os que circulam. Os pratos quase todos são carnes e frutos do mar e em sua maioria evocam a alta gastronomia. Em relação aos odores (FIGURA 15) foi percebido que o cheiro mais intenso e característico foi o dos pratos servidos também nas zonas de alimentação. Nos pontos onde se encontram alguns cafés o cheiro deste grão se espalha pelo ar. Na região próxima ao Rio das Almas pode-se perceber um mal cheiro característico de esgoto e de fumaça nos pontos de acumulo de veículos.

FIGURA 15 – MAPA: ODORES



FONTE: Acervo pessoal (2019).

Apesar da diversidade de impressões auditivas e olfativas que se apresentam, nos lugares onde acumulam-se as pessoas, o sentido mais solicitado acaba sendo o tato. A preocupação em não esbarrar ou tropeçar na multidão que circula ou se aglomera (principalmente no corredor formado ao longo da rua do Lazer) acaba por camuflar um pouco os outros sentidos. A circulação precisa ser feita muitas vezes buscando-se brechas no caminho entre as pessoas.

Avaliando as transformações nos edifícios, um fenômeno comum observado hoje em dia é a fusão de mais de um edifício sob uma mesma fachada abrigando grandes estabelecimentos comerciais. Atrás delas, o que se tem são os mais amplos e variados salões que descaracterizam todo o resto da edificação original mantendo apenas a fachada colonial (FIGURA 16).

FIGURA 16 – FOTOS QUE ILUSTRAM TRANSFORMAÇÕES NOS EDIFÍCIOS. À ESQUEDA OBSERVA-  
SE ESTABELECIMENTOS COMERCIAIS QUE UNEM MAIS DE UM IMÓVEL ATRÁS DE UMA MESMA  
FACHADA E À DIREITA UM EXEMPLO DOS SALÕES INTERNOS DESTES IMÓVEIS.



FONTE: Fotografado pelos autores (2020).

O “fachadismo” se escancara na obra também recém-concluída da antiga sede Maçônica, na Rua do Lazer (FIGURA 17). O edifício teve sua fachada mantida e todo o resto foi demolido e reconstruído como salas comerciais, assumindo a forma de um pastiche do colonial.

FIGURA 17 – OBRA DA SEDE MAÇÔNICA – EXEMPLO DE FACHADISMO E PASTICHE NA RUA DO LAZER



FONTE: Fotografado pelos autores (2020).

Todo esse processo que acontece há mais tempo e mais concentrado na Rua do Lazer, vem se espalhando por outras partes desta região do Centro Histórico criando novos lugares, paisagens e territórios turísticos (FIGURA 18), principalmente no recorte estudado.

FIGURA 18 – FOTOS BECO DO ANPHILÓFIO E RUA AURORA, OUTROS EXEMPLOS DE LUGARES ONDE SE DESENVOLVE PROCESSO SEMELHANTE AO DESCrito NA RUA DO LAZER



FONTE: Fotografado pelos autores (2020).

Considerando que este trabalho se iniciou antes da pandemia causada pelo COVID-19, foram realizadas algumas caminhadas pela área de estudo durante o período em que a cidade ficou fechada para o turismo, que confirmam a formatação destes espaços em lugares ou territórios turísticos. Sem os turistas não funcionam os comércios e os espaços ficam desertos, quase não se vê moradores nem de passagem (FIGURA 19).

FIGURA 19 – FOTOS TIRADAS EM UM SÁBADO A NOITE DURANTE O *LOCKDOWN* DECRETADO PELA PREFEITURA PELA PANDEMIA DO COVID-19



FONTE: Fotografado pelos autores (2020).

Sem turistas, não há sentido em funcionar o espetáculo. Sem as mesas cadeiras e outros acessórios dos comércios pode-se também avaliar melhor as transformações no patrimônio edificado. O turismo promove interações entre diferentes sujeitos sociais e suas infraestruturas turísticas, desencadeando dinâmicas socioespaciais. Ele transforma os espaços, causando efeitos sociais, culturais e ambientais positivos e negativos, que emergem da relação entre turistas e moradores e com as infraestruturas criadas e transformadas. O turismo e o patrimônio exercem seus poderes, separados e ou associados, revelando novas paisagens, ressignificando o patrimônio cultural recriando novas identidades.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo propôs-se a apreender os efeitos da turistificação e da patrimonialização dos espaços no centro histórico de Pirenópolis. A partir de incursões autoetnográficas dentro do recorte espacial definido para este estudo, foi possível

desvelar a associação entre patrimônio e turismo na subjetivação dos espaços.

Com o incremento das atividades turísticas após a institucionalização do centro histórico de Pirenópolis como patrimônio, este veio a servir de suporte para a exploração econômica. Constatou-se processos característicos de gentrificações como a substituição das antigas residências por comércios e serviços voltados exclusivamente aos turistas. Isso comprovou-se durante o período em que a cidade esteve fechada para visitantes devido a pandemia, dando à experiência destes lugares contornos de se estar vivenciando uma cidade abandonada.

Detectou-se ainda que nestes lugares ou territórios turísticos o espaço físico molda-se através de pastiches e fachadismos que acabam por instituir falsos históricos que iludem os praticantes dos espaços. Nos lugares onde se concentram as estruturas turísticas de alimentação e lazer, as impressões sensoriais são mais intensas e algumas vezes até confusas devido ao grande número de pessoas que circulam. Tudo isso acontece almejando-se um público cada vez mais selecionado e elitizado para o consumo do centro histórico de Pirenópolis como um produto turístico.

O turismo e patrimônio podem gerar consensos e garantir a manutenção da ordem a serviço do capital. Dito isto, os espaços transformados em ambientes espetacularizados são voltados para determinados grupos de visitantes que não fazem parte do contexto social dos lugares. E nem sempre as intervenções têm a participação dos moradores que muitas vezes se expressam em conflitos sociais. Neste processo de patrimonialização e apropriação pelo turismo, o centro histórico de Pirenópolis se transforma em um espaço de lazer, tornando-se um produto turístico do Estado de Goiás e consolidando-se como principal atividade econômica do município.

Apesar das experiências terem se limitado a um trecho restrito do centro histórico, devido às restrições físicas e temporais impostas pela proposta de se experienciar em campo os espaços em estudo, percebeu-se e intende-se que as observações e apreensões não se restringem aos limites definidos neste estudo, e cada vez mais espraiam-se pelo centro histórico de Pirenópolis. Cientes de que os efeitos e impactos da turistificação e da patrimonialização não se limitam ao trecho experienciado do centro histórico e de que ainda interferem no cotidiano dos bairros localizados além da área tombada, futuras investigações e experiências mostram-se necessárias para se entender as implicações destes processos em Pirenópolis.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. de L. **A cidade de Pirenópolis e o impacto do tombamento.** 2006. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). Universidade de Brasília, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Brasília, 2006.

BENETTI, A. A autoetnografia como método de investigação artística sobre a expressividade na performance pianística. **Opus**, v. 23, n. 1, p. 147–165, 30 abr. 2017.

BENJAMIN, W. **Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BORJA, J.; CASTELLS, M. **Local y global – La gestión de las ciudades en la era de la información**. Madrid: United Nations for Human Settlements, 1996

BRITTO, F. D.; JACQUES, P. B. Corpocidade : A arte enquanto micro-resistência urbana. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 21, n. 2, p. 337–350, 2009.

BRITTO, P. D.; FONSECA, C. F. Maquinâncias de natureza em episódios urbanos. **URBANA: Revista Eletrônica do Centro Interdisciplinar de Estudos sobre a Cidade**, v. 8, n. 2, p. 210, 2016.

CARVALHO, A. **Pirenópolis, Coletânea 1727-2000 – História, turismo e curiosidades**. Goiânia: Kelps, 2001.

CASTRO, C. A. T.; TAVARES, M. G. DA C. A patrimonialização como processo de produção social do espaço urbano: aspectos teóricos. **Sociedade e Território**, v. 28, n. 2, p. 117–135, 2016.

CROCCO, F. L. T. Georg Lukács E a Reificação: Teoria Da Constituição Da Realidade Social. **Kínesis - Revista de Estudos dos Pós-Graduandos em Filosofia**, v. 1, n. 02, p. 49–63, 2009.

DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DOXEY, J. **Development of tourism destinations**. London: Torbay, 1975.

ESTEVES, M. J.; MAIA, A. G.; GUIMARÃES, H. C.; NEGREIROS, L. R. **Percepção, cognição e representação como instâncias prévias ao planejamento e a gestão do território**. XII Encuentro de Geógrafos de América Latina – EGAL. **Anais...** Montevidéu: 2009.

GLASS, R. **London; Aspects of Change**. London: MacGibbon & Kee, 1964.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Micropolítica: cartografias do desejo**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

JACQUES, P. B. Patrimônio cultural urbano: espetáculo contemporâneo? **RUA - Revista de Urbanismo e Arquitetura**, v. 1, n. 8, p. 32–39, 2003.

JACQUES, P. B. Do especular ao espetacular. **Vitruvius-resenhas online**, 2005. Disponível em: <<https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/resenhasonline/04.042/3156>>. Acesso em 15 nov. 2020.

JACQUES, P. B. Corpografias Urbanas. **Vitruvius-Arquitextos**, 2008. Disponível em: <<https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/08.093/165>>. Acesso em 15 nov. 2020.

JACQUES, P. B. **Elogio aos errantes**. Salvador: EDUFBA, 2012.

JAYME, J. **Esboço Histórico de Pirenópolis**. Goiânia: Editora UFG, 1971.

LUKÁCS, G. **História e consciência de classe: estudos de dialética marxista**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

PAES, M. T. D. Trajetórias do patrimônio cultural e os sentidos dos seus usos em Paraty (RJ). **Resgate: Revista Interdisciplinar de Cultura**, v. 23, n. 30, p. 105–118, 2015.

PERUZZO, C. M. K. Pressupostos epistemológicos e metodológicos da pesquisa participativa: da observação participante à pesquisa-ação. **Estudios sobre las Culturas Contemporáneas**, v. XXIII, n. III, p. 161–190, 2017.

ROCHA, A. L. C.; ECKERT, C. **Antropologia da e na cidade: interpretações sobre as formas da vida urbana**. Porto Alegre: Marcavisual, 2013.

ROCHA, L. O.; ARAÚJO, S. N. DE; BOSSLE, F. Autoetnografia , ciências sociais e formação crítica : uma revisão da produção científica da educação física. **Revista Internacional de Formação de Professores**, v. 3, n. 4, p. 168–185, 2018.

SANTOS, G. C. DOS; OLIVEIRA, F. F. DE; REIS, J. R. Turismofobia e os impactos econômicos do turismo nos discursos midiáticos do jornal “El País”. **Turismo e Sociedade**, v. 12, n. 3, p. 36–56, 2019.

SANTOS, S. M. A. O método da autoetnografia na pesquisa sociológica : atores, perspectivas e desafios. **PLURAL, Revista do Programa de Pós -Graduação em Sociologia da USP**, v. 24, n.1, p. 214–241, 2017.

SEQUERA, J.; NOFRE, J. Shaken, not stirred: new debates on touristification and the limits of gentrification. **City**, v. 22, n. 5–6, 2 nov. 2018.

SPENCER, D. Architectural deleuzism: Neoliberal space, control and the “university”. **Radical Philosophy**, v. 8, n. 168, p. 9–21, 2011.

ZUKIN, S. **O espaço da diferença**. Campinas, SP: Papirus, 2000.

Recebido em: 11-02-2020.

Aprovado em: 07-11-2020.

TS